

Museu Nacional Resistência e Liberdade



Guião de Visita 2 A Cadeia do Forte de Peniche

A Cadeia do Forte de Peniche



Cadeia do Forte de Peniche, 2024

© MNRL

A cadeia do Forte de Peniche (1934–1974) tornou-se, no conjunto do vasto aparelho repressivo da ditadura, um dos maiores símbolos da violência do regime, por onde passaram 2.626 presos. Não foi só um lugar de sofrimento, foi igualmente um lugar de importantes lutas pela melhoria das condições prisionais, contra a repressão. Foi um lugar de manifestações de coragem, abnegação, solidariedade entre presos, de formação cultural e cívica.

Os conteúdos do **guião 2** apresentam a estrutura da Cadeia e as condições de vida dos presos políticos e estão apresentados no Pavilhão C, piso 2.

Evolução da Cadeia

Até 1934, ano em que a cadeia se torna uma prisão privativa da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), a Fortaleza de Peniche foi utilizada como cárcere político da Ditadura Militar, onde se encontravam “presos políticos e sociais”, uns em regime de prisão e outros em regime de exílio interno, com residência fixa na Fortaleza ou lá devendo apresentar-se regularmente.

A partir de 1934, já sob a supervisão da polícia política e de um corpo de carcereiros boçais, prepotentes e desumanizados, foi montado um sistema prisional baseado na arbitrariedade, na violência física e psicológica, no obscurantismo com vista à destruição psíquica e moral dos presos.

As condições prisionais

Em 1956 estavam em curso as obras de adaptação da Cadeia do Forte de Peniche a prisão de alta segurança. Neste período surgem as “Instruções gerais a observar pelos reclusos desta Cadeia”. As “Instruções” são

um conjunto de deveres e obrigações que os presos tinham de acatar sob pena de sanções disciplinares a vários níveis, quais os trabalhos que eram obrigados a executar, o tipo de leituras que lhe eram permitidas, as regras das visitas, as regras sobre a correspondência, disposições sobre assuntos diversos e os castigos disciplinares.

Estas normas impunham uma pesada disciplina militar obrigando os presos, quando em presença dos guardas de serviço «a tomar uma posição firme, braços ao longo do corpo e calcanhares unidos, exceto nos locais de trabalho, no refeitório e no recreio». Para impor esta disciplina os guardas serviam-se de apito.

Durante o dia os presos escutavam, no mínimo, dez vezes o silvo estridente dos apitos, do modo seguinte: “quatro silvos para levantar, três para as refeições, dois para o conto e um para deitar”.

As sanções e castigos podiam ir da proibição de visitas, proibição de correspondência, proibição de Recreio, recusa de pedidos de compras de géneros no exterior, e castigos em cela disciplinar, quer nas casamatas, quer no segredo, a pão e água; entre outros aspetos muito gravosos para os presos políticos.



Cadeia do Forte de Peniche, 2024

Ala de Alta Segurança

© MNRL

Fugas da Cadeia do Forte de Peniche

A Cadeia do Forte de Peniche foi uma prisão de alta segurança. Houve algumas tentativas de fuga que se concretizaram e outras que não se concretizaram. Alguma das fugas contaram com o apoio e a solidariedade da população de Peniche, como por exemplo:

- 1938, fuga de Francisco Horta Catarino, José Filipe Piçarra e José Santos Rocha, pela furna (gruta que fica debaixo do pavilhão prisional A);
- 1938, em novembro, houve uma fuga coletiva a partir do Segredo da Fortaleza de Peniche. Fugiram: Artílio Batista, Augusto Valdez e Joaquim Sim-Sim. Iludindo os guardas, saem do Segredo, atingem a muralha e descem por um cordão na direção do mar, onde os esperava um barco com um jovem barqueiro que foi, posteriormente, preso. Este jovem barqueiro era Saúl Gonçalves, natural e residente em Peniche, que muito contribuiu para o êxito da fuga. (Saúl Gonçalves tinha um tio com

o mesmo nome, natural e residente em Peniche, que na data da fuga se encontrava preso na Fortaleza de Peniche e depois cumpriu pena no Tarrafal entre 1939 e 1946);

- 1938, de Álvaro Marques Saraiva e António Branco;
- 1946, Fuga de Joaquim Portela e mais quatro presos;
- 1950, fuga da caserna 5 de Jaime Serra e Francisco Miguel;
- 1954, em dezembro, fugiu do Segredo da Fortaleza, António Dias Lourenço. Estudando os movimentos dos guardas e serrando a porta do Segredo, atingiu a muralha, da qual lança uma corda, feita de cobertores desfiados, e pela qual desce, de uma altura de 20 metros, alcançando a água. Daqui, embora com alguma dificuldade, nada até terra firme. Na antiga Ribeira foi a solidariedade dos pescadores e dos comerciantes de peixe que permitiu a sua saída de Peniche com sucesso;
- 1960, dia 3 de janeiro, do bloco C, dá-se a fuga vitoriosa de dez presos políticos: Álvaro Cunhal, Jaime Serra, Joaquim Gomes, José Carlos, Guilherme da Costa Carvalho, Carlos Costa, Rogério da Costa Carvalho, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel, Pedro Soares e de um guarda da GNR, José Alves, que ajudou na fuga. Os presos políticos em fuga foram vistos pela população a descerem as muralhas através de uma corda feita de lençóis, a saltarem os muros da Fortaleza e a apanharem os carros no Campo da Torre. Foi extraordinária a solidariedade manifestada pela população de Peniche que, apercebendo-se da fuga, se calou e com o seu silêncio, permitiu que todos os fugitivos chegassem às casas que lhes estavam destinadas.

SAIBA MAIS SOBRE:

A Fuga de 1960

Em 3 de janeiro de 1960, no local que era o refeitório do piso 2 do Pavilhão C, teve início a fuga da Cadeia do Forte de Peniche.

Álvaro Cunhal, Jaime Serra, Joaquim Gomes dos Santos, Carlos Costa, Francisco Martins Rodrigues, Francisco Miguel Duarte, Guilherme Costa Carvalho, José Carlos, Pedro da Costa Soares e Rogério Rodrigues de Carvalho fugiram naquela que é considerada uma notável e audaciosa ação organizada pelo PCP e que representou um duro golpe para o regime fascista e o seu aparelho repressivo e uma importante vitória de toda a resistência antifascista.

Salazar só foi informado da fuga no dia 5 de janeiro e só a 7 de janeiro a censura deixou sair a notícia.

Entretanto a imprensa internacional deu um enorme relevo à fuga. O l'Humanité dava a notícia no dia 5 e no dia 6 foram vários os órgãos de comunicação social do Brasil e doutros países da América Latina a fazê-lo.

Os poderosos meios para recapturar os presos fracassaram. As centenas de fotos dos fugitivos e do guarda da GNR enviados para todas as esquadras da PSP, postos da GNR, para a Polícia de Trânsito e Guarda Fiscal, assim como a colaboração da Dirección General de Seguridad, de Espanha, não resultaram.

Textos: Rosalina Carmona e Domingos Abrantes

Revisão e adaptação: Aida Recheda

Colabore: seja voluntária/o do Museu: geral.mnrl@museusemonumentos.pt

Associe-se: faça-se sócio da Associação Amigos do Museu Nacional Resistência e Liberdade:

associacaoamigosmnrlfortalezap@gmail.com

Participe: se tiver objetos e documentos que possam interessar ao Museu, por favor contacte-nos.

Testemunhe: se tiver uma história para contar sobre a resistência ou sobre a repressão, contacte-nos:

geral.mnrl@museusemonumentos.pt

Siga-nos: <https://www.museunacionalresistencialiberdade-peniche.gov.pt/pt/>

<https://www.facebook.com/MuseuNacionalResistenciaeLiberdade>